

A ultradireita e a islamofobia: Um estudo de caso do partido espanhol Vox e sua posição anti-muçulmana

Edson Edrey de Menezes Sousa * Pedro Solon Assis Ramelli 

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

*Autor correspondente. Email: edsonedrey@hotmail.com

Resumo

O presente artigo trata sobre a posição da Ultradireita espanhola, usando como exemplo o partido Vox, contra os imigrantes de origem muçulmana, de cultura islâmica ou árabe, que se faziam presentes na Europa antes mesmo da formação dos Estados-nação, na época medieval. Atualmente, o termo empregado para essas ações é definido como “Islamofobia”, e tem ganhado força após o ataque das torres gêmeas nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. Assim, na construção da pesquisa fez-se essencial à compressão qualitativa por meio da revisão bibliográfica dos conhecimentos acerca do histórico da Islamofobia na Europa e suas formas atuais, bem como analisar as principais características da ideologia da Ultradireita, na tentativa de traçar um paralelo entre eles, confirmado pela conexão de questões xenófobas e raciais usadas pelo partido Vox como um dos seus marcos políticos mais relevantes nos seus discursos e atuação na Espanha.

Palavras-chaves: Ultradireita, Islamofobia, Espanha, Anti-imigração, Partido Vox.

1. Introdução

A Península Ibérica foi conquistada e ocupada por mouros ao longo de mais de quatrocentos anos, sendo apenas no século XV que os reis cristãos de Aragão e Castela impuseram sua dominação sob a região e unificaram os reinos espanhóis. As origens, portanto, do Estado-Nação da Espanha remetem a um conflito histórico entre muçulmanos e cristãos, que, ainda no século XXI, reverberam no território espanhol. A Islamofobia, de fato, é um tema recorrente em toda Europa e que se faz presente, também, na vida política e social espanhola. Essa questão vem sendo explorada, nas últimas décadas, por movimentos associados a plataformas políticas de Ultradireita, que vêm colhendo resultados eleitorais positivos ao explorar o ressentimento da população espanhola frente aos muçulmanos que vivem no país. Desse modo, o presente artigo se debruça sobre essa questão, focando no Partido Vox, que converge à mais recente expressão da Islamofobia orientada por ideologias de Ultradireita na Espanha.

A ascensão da Ultradireita no século XXI possui caráter global, sendo definido por Mudde (2019) como uma onda marcada pela integração desses movimentos ao *mainstream* político, normalizando suas visões de mundo hierárquicas e autoritárias. Esse movimento ideológico insere-se na política partidária europeia, portanto, ao promover um debate aberto e normalizado de ideias e narrativas radicais, que trazem consigo contornos xenófobos, autoritários e racistas, como demonstram não apenas o Vox na Espanha, mas o AfD na Alemanha, o UKIP no Reino Unido, o Chega em Portugal, o Irmãos da Itália, dentre outros.

Uma das motivações para a expansão da Ultradireita, especialmente na Europa, se remete aos frequentes fluxos migratórios de muçulmanos para o continente, despertando ressentimentos e temores por parte de grupos de Ultradireita. Bayraklı e Hafez (2016; 2020 *apud* Cervi et al. 2020) mostram que a Islamofobia está aumentando em toda a Europa, principalmente durante e após a Crise de Refugiados de 2015. Com efeito, segundo Alietti e Padovan (2013 *apud* Cervi et al. 2020), para a Ultradireita toda a civilização muçulmana seria enquadrada como uma “ameaça externa” para as sociedades democráticas ocidentais, as quais referem o Islã como monolítica e incompatível com as democracias europeias.

Diante do exposto, o estudo de caso se debruça sobre o Partido Vox da Espanha e sua ascensão na política por meio de discursos islamofóbicos. Dessa maneira, o presente trabalho é norteado pelo problema de pesquisa de “como a Ultradireita espanhola se apropria de discursos islamofóbicos para enfrentar a imigração e a presença de muçulmanos no país?”. Nessa perspectiva, o estudo de caso do artigo tem como objetivo traçar um paralelo entre as práticas islamofóbicas com as características inerentes da Ultradireita na Espanha por meio da atuação do partido Vox. Para alcançar os resultados satisfatórios no objetivo proposto, o trabalho busca: I) identificar a motivação para a ascensão da Ultradireita na Europa; II) analisar os discursos islamofóbicos perante à imigração de muçulmanos ao continente europeu; III) observar as ações discursivas no território espanhol diante das relações com imigrantes e residentes muçulmanos; e IV) explicar como o partido Vox passou de um partido insignificante para um posição política de destaque no país.

Somado ao supracitado, justifica-se a pertinência do trabalho porque se busca contribuir como forma de conhecimento para a sociedade vislumbrar a nocividade dos padrões de comportamento dos grupos de extrema-direita, mitigando o fortalecimento destes no meio da política de qualquer país. Logo, espera-se que este artigo possa complementar as pesquisas de Mudde (2019), Rodríguez (2021), Muñoz e Grosfoguel (2012), Marchi e Bruno (2016), Cervi et al. (2020) e Isasi e Tarragona (2021) visando, assim, a colaboração com a ciência para identificar e traçar perspectivas de enfrentamento voltadas aos grupos extremistas propulsores de discursos xenófobos em todo o globo.

A metodologia do presente trabalho tem como classificação metodológica elaborar um objeto de pesquisa descritivo, a partir de um estudo de caso percorrendo sobre como o fenômeno da Ultradireita se comporta diante dos imigrantes muçulmanos na Espanha e no Continente europeu sob a insígnia do Partido Vox. Ademais, para alcançar o objetivo proposto, o procedimento para a realização desta pesquisa foi de revisão bibliográfica, na análise de materiais escritos publicados, discursos proferidos

em reportagens e sites oficiais acerca da temática. Diante disso, foi utilizada uma abordagem de caráter qualitativa e teórica do problema, na tentativa de estabelecer paralelos entre a Islamofobia e a Ultradireita espanhola, que se demonstraram complementares como catalisadores do preconceito e dos problemas já existentes enfrentados pela população muçulmana da Espanha.

A seguir, o trabalho se encontra dividido em três tópicos. O primeiro aborda as características, definições e tipos da Ultradireita pelo mundo, finalizando com um afunilamento no ambiente europeu, especialmente no século XXI, pelo viés de Mudde (2000). Em seguida, o foco é voltado ao termo “Islamofobia” e como o xenofobismo contra a cultura islâmica está enraizado no continente europeu, demonstrando como têm crescido nos últimos anos devido a movimentos anti-imigração, principalmente na Espanha. Por fim, analisa-se as plataformas e ideologias xenófobas e nativistas do partido espanhol Vox contra a imigração muçulmana, mediante sua popularização e fortalecimento das eleições espanholas de 2018.

2. O Fenômeno da Ultradireita

A Ultradireita é caracterizada por Mudde (2000) como movimentos radicais de características potencialmente violentas, pautadas pela busca de uma ordem social hierárquica e que estão associados a, no mínimo, três das seguintes pautas: nacionalismo, racismo, xenofobia, anti-democracia e autoritarismo. Dentro do conceito de Ultradireita, Mudde (2019) enfatiza a sua diferenciação entre a extrema-direita, ligada ao fascismo histórico e a experiências anti-democráticas, e a direita radical, pautada em questões liberais¹ mas que fazem parte do jogo político partidário.

Em comparação, a extrema-direita é incompatível com a democracia e defende um modelo autoritário e violento, um forte culto ao líder, além de favorecer o surgimento de um sistema político de desprezo que ameaça a constituição e o ordenamento jurídico (Pini 2021). A segunda definição, de direita radical, se opõe ao pluralismo, ao multiculturalismo e à igualdade, porém é capaz de dialogar com os aspectos democráticos, convergindo, então, com modelo social liberal (Mudde 2019).

A Ultradireita é arraigada de premissas ideológicas tradicionais e conservadoras, que, de acordo com Sedgwick (2004), refere-se a um movimento nostálgico em restabelecer valores antigos substituídos por práticas da modernidade. Nesse mesmo sentido, Stanley (2018) argumenta que a Ultradireita tem como característica a retomada narrativa de um passado mítico, glorioso e irreal, repleto de conquistas que foram perdidas por causa do globalismo, do cosmopolitismo liberal e dos valores de igualdade, marginalizando a verdade e falsificando o passado ao acobertar fatos nefastos para moldar o presente com perspectivas projetadas de maneira extrema.

Especificamente no continente europeu, o crescimento da Ultradireita no século XXI é atrelado aos comportamentos de anti-imigração, euroceticismo² e nacionalismo.

1. O iliberalismo rejeita vínculo com o fascismo e convive com aspectos democráticos, entretanto se opõe ao pluralismo da democracia – como direito das minorias, estado de direito e separação dos poderes – e defende o modelo democrático iliberal, baseado na autoridade, família, hierarquia e tradicionalismo (Mudde 2019).

2. Palmer (2015 *apud* De Oliveira, Santana e Coronato 2019) exemplifica o ‘ceticismo’ como “uma dúvida ou indagação referente a alguma situação ou objeto, e o ‘euro’[em menção ao] contexto europeu”. Para De Oliveira, Santana e Coronato (2019) sua reivindicação principal é a perda de soberania em prol da

Após a análise teórica e exemplificação de casos práticos, essa ascensão é evidenciada pelos números comparativos durante o século XXI, no qual conquistaram uma média de 4,7% dos votos no processo eleitoral dos parlamentares nacionais nos Estados-membros da União Europeia entre 2000–2010 e, posteriormente, um aumento de 59% entre os anos de 2010–2018, resultando em uma média de 7,5% dos votos (Mudde 2019).

A Ultradireita europeia recente, assim como o fenômeno mais amplo, segundo Mudde (2019), encontra-se intimamente relacionada a três aspectos enraizados: o populismo (ao buscar um líder que possa defender a vontade geral do povo contra as elites dominantes), o nativismo (uma mistura entre o racismo e xenofobia que exclui grupos sociais que não se encaixam nos grupos e etnias nacionais imaginariamente construídas) e o autoritarismo (a constituição de uma organização e proteção da sociedade fortemente centralizada em um líder para que ele proteja a coletividade contra ameaças, especialmente das vindas dos não-nativos).

No quesito de anti-imigração, objeto de estudo do presente trabalho, o nativismo se faz presente no encaixe da Ultradireita em definir a imigração como responsável pelos problemas que um Estado enfrenta, principalmente nos quesitos econômicos. Golder (2016) atesta um discurso em prol de que o Estado busque assegurar os benefícios do bem-estar social para a população nativa, colocando seu próprio povo ‘em primeiro lugar’ frente aos imigrantes, postos como ameaça por colapsar os espaços de emprego e moradia.

Ademais, questões de segurança e cultura também são tratadas pela Ultradireita europeia, muitas das vezes ligadas a um movimento de euroceticismo. Para Kałabuńska (2019 *apud* Araujo 2020) isso se deve pela interpretação da União Europeia como a personificação de ideias globalistas e da globalização por alas da extrema direita europeia como algo que traz efeitos econômicos e sociais desagradáveis, a exemplo da imigração, pois para eles se trataria de uma invasão estrangeira que prejudica a cultura local.

Para Araujo (2020) esse posicionamento é justificado pela forma que a União Europeia conduz os repasses orçamentários e de suas políticas de compartilhamento do ônus para o recebimento de refugiados. Logo, como afirmado por Medeiros et al. (2021, 18): a ideologia da Ultradireita reforça e realiza uma movimentação reacionária em oposição “a imigração, políticas de asilo e influências estrangeiras”. A afirmação se comprova ao usarmos como exemplo Gabor Vona, líder do partido de extrema-direita húngaro Jobbik, que enuncia que a violação das fronteiras europeias por parte dos refugiados tem como objetivo claro o seu estabelecimento nos países membros da União Europeia em prol de uma narrativa de refúgio (Marchi e Bruno 2016).

Entretanto, Walt (2023)³ afirma que os Estados europeus são seletivos na questão de imigração, uma vez que acolhem refugiados ucranianos abertamente e sem problematização devido à guerra entre Rússia e Ucrânia, enquanto a recepção com povos afegãos ou sírios é bastante hostil. Diante de todo o contexto, o caráter racial e

centralidade administrativa do bloco.

3. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/02/28/the-conversation-about-ukraine-is-cracking-apart/>

xenofóbico poderia ser enquadrado como uma explicação a essa dicotomia da recepção de imigrantes, o que poderia confirmar uma impregnação da Islamofobia no países europeus como a principal ferramenta que engrena os discursos anti-imigração. Assim, esse passado imaginário assume uma estrutura convencional e segrega socialmente grupos em segmentos – aqueles que se enquadram nesse padrão social e aqueles que não –, frequentemente evocando um líder paternalista defensor da nação, utilizando de seu poder ‘legal’ para consolidar e difundir esses ideais. Logo, esses grupos arquitetam uma estratégia de depreciação dos seus alvos e opositores por meio da disseminação de teorias conspiratórias, com o propósito de funcionar como influenciador das concepções da realidade e estruturar a visão de qualquer indivíduo, ao ligá-los aos problemas que estão enfrentando. Dessa forma, fomenta-se uma desconfiança exacerbada em qualquer notícia contrária ao seu pensamento, desacreditando nas mídias tradicionais e nutrindo justificativas para suas ações irracionais, drásticas e nocivas (Stanley 2018).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o sentimento anti-fascista se fez recorrente, porém não foi capaz de minar a reestruturação desses ideais, visto que o movimento de Ultradireita persistiu ao longo do tempo, ressurgindo com uma nova roupagem esporadicamente. Esses novos movimentos, então, vêm buscando serem mais moderados ideologicamente numa gama variada de subgrupos para alcançar aprovação popular e se adequar mediante às condições nacionais e internacionais (Mudde 2000, 2019).

Com efeito, Mudde (2019) afirma que o extremismo da Ultradireita se sucede em quatro ondas principais ao decorrer da história, que se acendem e decaem. A primeira onda, denominada de “*neo-fascism*” (1945–1955), representada por pequenos grupos de indivíduos apegados à ideologia fascista, que permaneceram leais às causas autoritárias do legado de Hitler e Mussolini. Porém, estes obtiveram pouco sucesso, pois enfrentaram hostilidade dos governos europeus e uma resistência popular contra seus nacionalismos exacerbados (Mudde 2019).

A segunda onda, chamada de “*Right-Wing Populism*” (1955–1980), foi movimentada pela revolta dos partidos que se opunham às condições pós-guerra, tendo o Partido Democrático Nacional da Alemanha (NPD) como o principal articulador dessas questões. Os novos partidos traziam consigo novos ideais pessoais atrelados às bases da antiga política da direita extremista. Um exemplo disso é que esses partidos, nesse período, possuíam características neoliberais no âmbito econômico, criticando a custosa atuação governamental na promoção desenvolvimentista das políticas de Bem-Estar social (Mudde 2019).

A “*Radical Right*” (1980–2000) se caracteriza como a terceira onda, que diante de um contexto na alta de desemprego e no deslocamento de fluxos de imigração para Europa, os partidos começam a se apropriar de discursos xenófobos, ao associar os problemas que enfrentavam aos imigrantes, fomentando ações violentas contra esses grupos. Ao diminuir seu teor anti-democrático, alguns partidos iam alcançando posições nos parlamentos nacionais, sob uma tendência de enfatizar a construção de uma sociedade pautada em políticas de caráter ético, nacional e de homogeneidade. Entretanto, os grupos radicais desse período ainda tinham sucesso eleitoral limitado, permanecendo de fora do foco político principal (*mainstream*) (Mudde 2019).

A partir dos anos 2000, segundo Mudde (2019), a Ultradireita adentra o que

vem sendo, até então, denominado de Quarta Onda, em que a ideologia rompe as fronteiras europeias e passam a ser difundidas no mundo todo. Isso se justificaria devido a três crises ocorridas no século XXI: A guerra contra o terror, após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas nos EUA, a Grande Recessão de 2008 – desestabilizadora das economias ocidentais –, e a crise de refugiados em 2015. Diante desse cenário, a extrema direita assume uma posição *mainstream* ao se tornar um fenômeno recorrente no foco político, eleitoral e midiático, tendo suas pautas mais agressivas normalizadas e apoiadas. Esta diferença, comparada às outras ondas, evidenciam que as ideias populistas desses grupos são debatidas abertamente, ao se consolidarem como partidos dominantes. Devido ao caráter global assumido na quarta onda, os discursos dos partidos passam a ser heterogêneos, mudando de acordo com cada país, mas ainda assim, apresentando em comum a oposição à modernidade e os valores liberais progressistas de escala global (Mudde 2019).

Dessa forma, Gallagher (1995 *apud* Mudde 2000) define o conceito de “família partidária”, sendo agrupamentos que esses partidos ideológicos podem estarem divididos em três tipos: origem genética (mobilização com a intenção de convergir interesses ou contextos históricos semelhantes), federações transnacionais (os vínculos transnacionais que há avanço mútuo entre as partes) e, por fim, política (alerta por possuir desvantagem por, de maneira leiga, presumir que as mesmas políticas são adotadas da mesma forma em diferentes países).

3. Islamofobia no Contexto Europeu

O termo Islamofobia ainda é algo que se encontra em debate na literatura acadêmica, não havendo um consenso sobre sua definição. Muñoz e Grosfoguel (2012) expõem que essa controvérsia tem provocado posturas de questionamento perante a existência e validade de acontecimentos que envolvem a temática nas sociedades ocidentais, pois não há nenhuma declaração legal estabelecida ou uma aceitação geral de sua relevância. Allen (2007 *apud* Mendelski 2018) define como marco de destaque para o termo as discussões geradas pelo relatório “*a Challenge for Us All*” produzido pelo *think-tank* britânico Runnymede Trust em 1997 sobre a Islamofobia, a qual a pontua como uma discriminação e hostilidade infundada em relação ao Islã e as comunidades e indivíduos de origem muçulmana.

No que tange às percepções e atitudes que alimentam o sentimento de Islamofobia com certa recorrência pode-se citar alguns argumentos identificados pelo Runnymede Trust (1997 *apud* Muñoz e Grosfoguel 2012) como:

[...] a interpretação do Islã como um bloco monolítico, estático e oposto à mudança; percebido como separado e outro; sem valores em comum com outras culturas, não tendo influência nem sendo influenciado por elas; sua consideração como inferior ao Ocidente; é tido como bárbaro, irracional, primitivo e sexista; é visto como violento, agressivo, perigoso, apoiador do terrorismo e engajado em um choque de civilizações. (Trust, 1997 *apud* Muñoz e Grosfoguel 2012, 35).

O choque de civilizações abordado refere-se diretamente a teoria desenvolvida por Huntington (1996), no qual diante do contexto da globalização e da legitimação de uma nova ordem mundial uni-multipolar, explica que a origem dos conflitos que estavam por vir estariam pautados essencialmente pela diferença cultural entre

distintas civilizações. Nesse sentido, há uma tentativa de formalizar uma ideologia supremacista por meio da estigmatização das culturas de qualquer ator que rechace a recém instaurada hegemonia política, econômica e militar ocidental (Muñoz e Grosfoguel 2012).

Nesse sentido, Cervi et al. (2020) abordam como essa formulação de divisão e estigmatização cultural, entre a ocidental e a islâmica, acaba marginalizando a complexidade e subjetividade inerente a cada indivíduo ao tratá-la como totalmente homogênea e sem qualquer lapso de diversificação cultural, étnica e social interna. Logo, isso se traduziria em uma medida de simplificar a retratação de “toda a ‘civilização islâmica’ como ontologicamente incompatível com os valores fundamentais, [...] perigosa para a própria sobrevivência da civilização ocidental” (Cesari, 2019 *apud* Cervi et al. 2020, 5).

Apesar do termo da Islamofobia ter ficado em destaque nos anos 90 para referenciar as percepções mundiais negativas e pejorativas acerca do islamismo e os muçulmanos, como expressam Muñoz e Grosfoguel (2012), seu uso somente se generalizou e consolidou a partir de 2001, após o ataque às torres gêmeas em 11 de setembro e a promoção de uma ‘guerra contra o terror’. Isso criou uma situação para justificar e normalizar políticas anti-islâmicas, nutridas por práticas hostis e discriminatórias de preconceito e ódio racial, construído discursivamente diante a situação ocorrida nos Estados Unidos.

A difusão que se faz presente nos dias de hoje também possui raízes históricas, principalmente na Europa, uma vez que antes e durante o processo de consolidação dos Estados-Nações como conhecemos atualmente os impérios europeus e o otomano disputavam questões territoriais. Muñoz e Grosfoguel (2012) explicam essa relação competitiva e complexa entre eles se dá devido à sua proximidade histórica e geográfica que carregam entre si pela rivalidade entre o Islã e o Cristianismo na Idade Média, permitindo a construção de ideologias estigmatizadas um do outro. O ano de 1492 é colocado por Grosfoguel (2014) como fundamental para a compreensão sistemática das delimitações que enxergamos hoje, pois se trata da data em que a monarquia cristã espanhola re-conquistou à Al-Andalus (a Espanha Muçulmana), que expulsou os judeus e os chamados ‘mourous’ da península ibérica, e ao mesmo tempo, passou a realizar uma conversão forçada dos que permaneceram no território.

Mesmo após um longo período de tempo, durante os séculos XIX e XX, ainda encontra-se um pensamento etnocêntrico, que concebia a ideia da Europa como uma identidade superiorizada e depositária da humanidade, dando um tratamento inferior a outros povos. Esse pensamento foi sendo reforçado com a expansão do mercantilismo (entre os séculos XV e XVIII) e a ascensão do iluminismo (no século XVIII). Isso se deve como uma forma de justificar suas ações imperialistas de dominação política e exploração econômica, pautadas nas dualidades entre a civilidade e a barbaridade, na supremacia racial e cultural, e no princípio da universalidade e modernização (Muñoz e Grosfoguel 2012). Outras expressões utilizadas para se referenciar aos muçulmanos neste período por parte dos europeus são exemplificadas por Grosfoguel (2014) como: pessoas de religião equivocada, pessoas sem civilização, selvagens e primitivos.

Diante do exposto, a esfera islâmica abordada pelos europeus é dividida em três estratégias, sendo elas: a divisão entre o Estado e Igreja na defesa contra a islamização; a Igreja Católica como ferramenta de matriz identitária europeia contra a deformação

islâmica; e, por fim, um interesse somente etnoracial da Europa contra a invasão alógena. Logo, independente da estratégia utilizada, a temática religiosa torna-se a principal forma de propagar uma ideia de conflito entre o mundo cristão e islâmico (Marchi e Bruno 2016).

Por meio dos estudos pós-coloniais, Batalha (2017) acredita que a contínua perpetuação e inovação desses argumentos históricos para desacreditar e vilanizar a cultura Islã se deve ao orientalismo, que seria a forma em que ocidente filtra e imagina o oriente por meio de suas próprias concepções sociais, econômicas e religiosas como uma região geográfica do ‘Outro exótico’. Nesse sentido, podemos perceber a construção de discursos por atores e representantes de governos em fundamentar características divergentes e imutáveis de uma região sobre outra, assim como exprime Said (2008, 33 *apud* Batalha 2017, 179): “A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa”.

Com isso, segundo Motta (2018), é por meio do discurso que os representantes buscam alternativas para uma possível ameaça à sua nação – o *speech act* (ato de fala), o qual o discurso seria uma força de convencimento a partir da emergência de um determinado assunto. O *speech act* serviria, então, como um pontapé inicial para garantir a sustentabilidade da oratória na ratificação desses discursos e consolidá-los em políticas através de uma audiência que adere a esses discursos, legitimando o sucesso de determinado movimento para que os detentores de poder possam utilizá-lo como um objeto de atuação e controle (Buzan et al., 1998 *apud* Motta 2018).

Destarte, para convencer a audiência por meio do ato de fala no que tange às questões de Islamofobia, a extrema-direita europeia utiliza o termo “Eurabia” para retratar a Europa como um continente fadado à extinção cultural por conta da “islamização” (Yilmaz 2012). Dessa forma, os grupos extremistas fomentam o surgimento do *anti-jihad movement*, baseada em uma tendência transnacional e organizada por movimentos sociais que corroboram uma mobilização contra a islamização da Europa, como o alemão Patriotas Europeus Contra a Islamização do Ocidente (Marchi e Bruno 2016).

Reiterando Mudde (2019), a direita radical se apropria do anti-liberalismo e fomenta sua base com deveres e funções ao público sem direito a questionamentos. (Kymlicka, 1995 *apud* Vidgen e Yasseri 2020). Ao aprofundar a temática, Holmes (1993 *apud* Mendelski 2018) afirma que a sociedade iliberal é fruto da negação de princípios liberais, tais como liberdade individual, segurança pessoal, imparcialidade estatal e, por fim, direito de participação em leis por meio de debates e da liberdade de imprensa. Entretanto, isso não impede uma suavização e cuidado ao tratar essas pautas.

Para Mondon e Winter (2017 *apud* Mendelski 2018), há duas vertentes da Islamofobia, sendo elas: a iliberal e a liberal. A primeira são derivadas de ultraconservadores que creem no islamismo como uma religião monolítica e inferior em aspectos raciais e/ou culturais, possuindo dois pontos fundamentais: o antiliberalismo, por defender posições tradicionais do racismo e basear suas discriminações na cultura, etnicidade e/ou religião; e seu caráter essencialista e violento. A segunda se promove por meio de uma narrativa pseudo-progressista que fortalece o discurso de direito, igualdade e liberdade, além de criticar o racismo publicamente, porém se estrutura pelo *mainstream*

e perpetua um mecanismo de defesa contra uma possível ameaça externa que acabe com os valores liberais interno de um determinado país.

Na Espanha, o Partido Vox é um exemplo da utilização conjunta dessas duas vertentes por selecionar discursos entre o âmbito externo e interno. Na perspectiva externa se sobressai o caráter iliberal por serem contra a globalização na facilidade de locomoção entre as regiões, propiciando a diversidade cultural em seu país, resultando em discursos racistas e xenófobos com aqueles que vêm de fora para dentro. Na perspectiva interna, os discursos são em prol ao liberalismo que inclui a prosperidade para os espanhóis, marginalizando os muçulmanos como possíveis ameaças a esses valores, argumentando que sua cultura e sua religião são um retrocesso na opressão das mulheres e, dessa forma, podem afetar diretamente o bem-estar social da população como veremos no tópico a seguir.

4. A Ascensão do Partido Vox na Política Espanhola e suas Críticas a Imigração Muçulmana

No continente europeu, o crescimento e retorno do movimento da Ultradireita tem se mostrado como algo que ganha cada vez mais espaço, entretanto, Rodríguez (2021) atesta que, até recentemente, a Espanha havia sido uma das exceções ao fortalecimento do fenômeno. González Enríquez (2017 *apud* Rubia et al. 2022) credita essa resistência de cristalização de um partido de direita radical dentro da Espanha a um elevado grau de “europeísmo espanhol” e a uma débil identidade nacional advinda do rechaço à retórica do período franquista. Porém, durante os anos de 2018 e 2019, essa lógica passou a ser revertida com o sólido apoio obtido pelo partido Vox nas eleições regionais, principalmente na Comunidade Autônoma de Andaluzia (Rodríguez 2021; Rubia et al. 2022).

O crescimento do partido, em especial na região autônoma de Andaluzia, pode estar diretamente atrelado à proximidade de sua fronteira com o Marrocos, além de possuir dois territórios autônomos no norte do continente africano: as cidades de Ceuta e Melilla, onde existe muros que os separam, delimitando onde é Espanha e onde não é, e potencializando o nacionalismo exacerbado.

O Vox (do latim ‘voz’) surge como partido em 2013, em especial pela deserção de alguns membros fortes do Partido Popular espanhol (PP) – um partido tradicional de direita *mainstream*. Nesse sentido, Rubia et al. (2022) classifica o Vox como um partido *Spin-off*, por se tratar de um recorte de origem e liderança de dissidentes dos quadros políticos de partidos *mainstream*, abarcando diversos temas e por conseguinte possuindo uma elevada sobreposição ideológica com o partido antigo do qual foi desvinculado. No caso do Vox, essa sobreposição de temas e propostas apresenta, em suma, diversas coincidências com o PP, o que os leva a uma maior divisão de votos e competição. Assim como os partidos de Direita Radical presentes na Europa, o Vox também traz ênfase a um discurso fortemente crítico à imigração, apesar de também tratar de questões ligadas à crise territorial de independência Catalã e Basca, defendendo, assim, uma alta integração nacional da Espanha (Rubia et al. 2022).

Isasi e Tarragona (2021) esclarecem o aumento significativo do Vox e de suas pautas em dois momentos: O primeiro remete às eleições regionais na Andaluzia em dezembro de 2018, na qual obteve 12 assentos no parlamento regional e 1 no Senado

espanhol. O segundo momento se refere ao nível nacional com as eleições gerais, em 28 abril de 2019, quando conseguiu 24 dos 350 assentos do Parlamento espanhol. No entanto, esse número se tornou ainda maior, devido a um resultado de impasse político e formulação fracassada de um governo. Com o segundo turno das eleições gerais em 10 de novembro de 2019, o Vox se tornou o terceiro maior partido no Parlamento com 52 assentos. Para Rodríguez (2021), essa questão é importante, pois, desde seu surgimento, o Vox não conseguia atingir nenhum resultado tão expressivo no espaço político de relevância nas Instituições espanholas.

Assim, embora sua forte posição na crise política separatista Catalã, a postura anti-imigração também desempenhou um papel de impulsionador no avanço de seu sucesso eleitoral. Essa posição anti-imigração é mostrada de forma bastante delimitada ao assumir uma posição claramente anti-muçulmana como uma marca registrada do Vox (Isasi e Tarragona 2021). Essa posição variável quanto a origem do imigrante se faz presente no discurso do líder do partido - Santiago Abascal - em 2018: “Um imigrante de um país irmão latino-americano, com a mesma cultura, o mesmo idioma, a mesma visão de mundo, não é o mesmo como imigração de países islâmicos. Não queremos que a Espanha seja como o resto da Europa”⁴ (Isasi e Tarragona 2021, 2-3, tradução nossa).

Para conseguir maiores proporções, o partido apela para uma estratégia de reconstrução histórica, como argumenta Rodríguez (2021, 2):

Um aspecto do discurso e da estratégia de comunicação do Vox que merece atenção especial é o uso político da história, ou melhor, de uma narrativa histórica específica, como instrumento de projeção de sua ideologia, valores e atitudes [em que alusões referentes] a personagens e marcos da Reconquista são particularmente recorrentes.

Essa escolha seria justificada, de acordo com Rodríguez (2021), como uma forma de apelo à população que tem identificação com a nação espanhola e a considera ameaçada. O discurso da reconquista, remete ao período em que foram expulsos os mouros (de cultura predominantemente árabe e muçulmana) do território espanhol para o norte da África. Retomar esse discurso é reacender a divisão social e criticar a intensa migração muçulmana que ocorre para a Europa, em específico, para a Espanha (Rodríguez 2021).

Um diferencial do Vox entre os demais partidos da direita radical é destacado na sua demonstração de “preocupação” com os valores liberais ao proferir discursos anti-imigração, principalmente contra grupos islâmicos, uma vez que, para eles, a imigração muçulmana estaria ligada ao declínio de valores ocidentais, como a pluralidade, igualdade e tolerância. O Vox acusa os muçulmanos de intolerância com outras religiões e discriminação contra a emancipação feminina e diversidade sexual, sendo que esse último tópico não se faz tão importante para o Vox, como acontece em outros partidos do norte da Europa (na Holanda e nos países escandinavos), ao utilizar de forma manipulada a pluralidade como uma forma de marginalizar a imigração, em especial de indivíduos de origem muçulmana (Rodríguez 2021).

Isso se afirma na declaração feita em setembro de 2018 por Javier Ortega Smith:

4. Abascal (Vox): “No es lo mismo un inmigrante hispanoamericano que la inmigración de los países islámicos”, 17 de abril de 2018, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jl43Neqlf3c> (Tradução própria).

“O nosso inimigo comum, o inimigo da Europa, o inimigo da liberdade, o inimigo do progresso, o inimigo da democracia, o inimigo da família, o inimigo da vida, o inimigo do futuro chama-se invasão islâmica. [...] Eles não estão dispostos a ter suas catedrais demolidas e substituídas à força por mesquitas. Eles não querem que suas mulheres cubram o rosto com um pano preto, sejam forçados a andar dez passos atrás e sejam tratados pior do que camelos. Eles não querem o fim do que entendemos como civilização em termos de respeito aos direitos e à liberdade”. (Smith, 2018 *apud* Isasi e Tarragona 2021, 5).

Portanto, seguindo a narrativa dos outros partidos europeus de extrema-direita já consolidados, Marchi e Bruno (2016) pontuam que a ascensão do Partido Vox se coloca como um ponto de oposição à islamização da Espanha e reivindica a proibição do uso público da burka, o crescimento do comércio islâmico e a construção de novas mesquitas pelo país.

Dessa forma, Isasi e Tarragona (2021) elencam como elementos centrais da ideologia do Vox: o nacionalismo, o nativismo, a defesa dos valores tradicionais e o autoritarismo, o que vai de acordo com a categorização elaborada por Mudde (2000) para conceituar a Ultradireita. Para eles, o partido e seus líderes costumam regularmente proferir colocações controversas em busca de atrair atenção da mídia e de possíveis apoiadores, como recusar a condenação do regime franquista e negar a existência de violência de gênero. Além disso, Isasi e Tarragona (2021) ainda expõem que eles associam os MENAs (*menores extranjeros no acompañados*) a problemas de insegurança e violência sexual de forma bastante desumana, requerendo a expulsão destes da Espanha, ao mesmo tempo em que clamam serem os salvadores da pátria contra essas atrocidades, acusando os demais partidos, numa estratégia deslegitimizadora, como descompromissados com a proteção da população e neutralização dessas ameaças.

Essa disposição em lutar contra a expansão de qualquer tipo de liberalismo, de acordo com Alexander (2018), está pautada na criação de uma ‘direita alternativa’, mas que utiliza-se do maquinário extremista de forma disfarçada na simplificação do bem e do mal com dicotomias acerca dos ‘outros’ em uma semiótica de ameaça e perigo contínuo, tornando seus rivais políticos em inimigos. Para além disso, a narrativa do partido corrobora como o que Mudde (2019) pontua como uma defesa da diversidade biocultural, isto é, as características únicas de cada cultura devem ser preservadas e não misturadas, pautadas através da “Metapolítica”, uma estratégia utilizada para manipular os indivíduos com discursos que envolvem uma “guerra cultural”.

Para realizar a circulação de seus ideais, o Vox se apropria de diversas plataformas digitais e redes sociais, se destacando entre os partidos que mais estiveram presentes no meio eletrônico nas eleições de novembro de 2019. O seu conteúdo, no geral, é pautado em espalhar *fake news* e discursos difamatórios em prol da liberdade de expressão e no fortalecimento de sua narrativa contra o que chamam de ‘ditadura do politicamente correto’. Como exemplo, os líderes do Vox constantemente alegam que a invasão dos imigrantes no território espanhol se dá pela articulação de máfias e elites globalistas que patrocinam e prestam apoio às ONGs (Isasi e Tarragona 2021).

Após os resultados das eleições regionais de 2018, o jornal espanhol *El País* analisa o comportamento do partido na materialização dos discursos xenófobos no que diz respeito à imigração⁵. Entre suas propostas principais nesse assunto está em drenar a ajuda e cuidados com imigrantes ilegais, além de incentivar o fortalecimento das

5. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/02/internacional/1543765846_278055.html

construções fronteiriças de Ceuta e Melilla para possuir um muro intransponível, assim como pregava Donald Trump na fronteira dos EUA com o México, pois seria pelo controle das fronteiras que se eliminaria a invasão da imigração ilegal.

O *Anti-Muslim Hatred and Discrimination in Spain (2020)* da *Asociación Musulmana por los Derechos Humanos (AMDEH)* reporta que as recentes estatísticas estimam que a população muçulmana residente na Espanha está em volta de 2 milhões (aproximadamente 4% da população), e que, destes números, muitos não possuem cidadania espanhola, o que os torna ainda mais vulneráveis socialmente como uma minoria. Por meio de sua autora, Aurora Ali (2020), o *Anti-Muslim Hatred and Discrimination in Spain* também abarca uma série de dados levantados por ONGs que relatam os empecilhos e repressões que essas populações são submetidas, entre elas pode-se citar:

- A Islamofobia enraizada nos livros de História baseada na narrativa das cruzadas e da reconquista;
- A obrigatoriedade de jovens muçulmanas retirarem seu hijab para terem acesso a educação devido a normas institucionais internas;
- A permanente discriminação de famílias muçulmanas na busca de habitação, emprego, saúde, administração pública, etc., não tendo recursos para recorrer;
- O ineficiente sistema legal e logístico de acolhimento e proteção específica de comunidades muçulmanas que não possuem condições satisfatórias;
- A dificuldade de saírem de uma situação de irregularidade e de possuírem nacionalidade espanhola, causando situações de não representação e expulsão;
- O potencial aumento de ataques a mesquitas, e também, em negócios comerciais pertencentes a muçulmanos.

Logo, as fundamentações islamofóbicas no Estado-nação espanhol e replicadas por partidos como o Vox se difundem por diversas frentes e tipos de repressão. Mendelski (2018) argumenta que a Islamofobia se manifesta tanto pelo poder público quanto pela sociedade civil, perpassando por declarações e pronunciamentos carregados de ódio por parte de figuras políticas, ausência ou presença de legislações e políticas públicas que restringem a expressão dos direitos da comunidade muçulmana, bem como os ataques físicos e verbais da sociedade a centros culturais e propriedades islâmicas. Essa série de fatores torna um ambiente predisposto ao xenofobismo e nacionalismo exacerbados inerentes a ideologia de Ultradireita, com uma difícil perspectiva de mudança, uma vez que o “o ódio antimuçulmano, ou Islamofobia, não é reconhecido oficialmente na Espanha” (Ali 2020, 3).

5. Conclusão

Ao decorrer do trabalho, podemos associar alguns pontos de encontro entre a ideologia extremista e radical da ala direita da política com o fenômeno da Islamofobia, principalmente na Europa. A priori, é notório como a Ultradireita se apropria da construção de discursos a partir da seleção de uma determinada parte da história para elucidar uma ótica radicalizada e dualista da sociedade, em sua grande parte baseada em atitudes nativistas, pondo em xeque o “nós” contra os “outros”. A posteriori, pode-se ver como as questões dos choques culturais entre ocidentais e muçulmanos remonta a mais de 500 anos atrás, mas que foi reacendido por eventos ocorridos entre 2001

e 2015 – respectivamente, o ataque às torres gêmeas e a crise migratória europeia – que abrem espaço para o surgimento e popularização de partidos de Ultradireita, a exemplo do Vox, que levantou pautas violentas desde o seu surgimento e ganhou um grande apoio nos últimos 5 anos, algo não recorrente no contexto político da Espanha.

Neste estudo de caso houve mais a delimitação da exposição das propostas e declarações do partido e seus líderes, visto que a tradução desses discursos na política pública requerem ainda mais debates, pois dependem de fatores domésticos com a interação civil e parlamentar que envolvem ideologias e percepções distintas das pregadas pela Ultradireita alarmista mais recente na Espanha. Ademais, a partir do Vox, é possível enxergar a utilização de pautas liberais para justificar o iliberalismo como uma estratégia que se difere dos demais atores de Ultradireita do mundo, uma vez que criticam a incongruência do islamismo com a falta de respeito às mulheres, ao mesmo tempo em que possuem uma carga tradicionalista que tem características anti-feministas, por exemplo.

Apesar da não atuação direta do Vox em promover ações contra a comunidade muçulmana espanhola, seus discursos e atitudes se perpetuam como uma ação indireta, principalmente pelos meios eletrônicos onde são difundidas em larga escala falas tendenciosas, que provocam medo e violência em relação a esses grupos por parte da população e de seus apoiadores. Assim, a expressão de suas indagações carregadas de Islamofobia, fazem se agravar ainda mais a marginalização dos residentes e imigrantes de origem árabe, muçulmana ou islâmica, que já se encontra bastante precária na Espanha, como demonstrou o *report: Anti-Muslim Hatred and Discrimination in Spain* em 2020.

Portanto, faz-se essencial o debate dessas propostas e a constante investigação desses grupos e suas medidas estratégicas de articulação e atuação, para que haja a promoção de uma maior eficácia, na Espanha e no mundo, no tratamento das repressões contra esses imigrantes, em especial de indivíduos muçulmanos, uma vez que as medidas drásticas e carregadas de preconceito só levariam a potencialização da polarização política, atenuando ainda mais os problemas em vez de buscar oportunidades para resolvê-los.

Recebido em: 01/06/2023.
Aprovado em: 20/07/2023.

Referências

Alexander, Jeffrey C. 2018. Vociferando contra o iluminismo: a ideologia de Steve Bannon. *Sociologia & Antropologia* 8:1009–1023.

- Ali, A. 2020. Anti-Muslim Hatred and Discrimination in Spain 2020. Asociación Musulmana por los Derechos Humanos. Acedido em 22 de abril de 2023. <https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Issues/Religion/Islamophobia-AntiMuslim/Civil%20Society%20or%20Individuals/AMDEH.pdf>.
- Araujo, F. L. de. 2020. Euroceticismo e o globalismo: narrativas sobre a União Europeia. Acedido em 20 de maio de 2023. <http://observatorio.repri.org/2020/09/29/euroceticismo-e-o-globalismo-narrativas-sobre-a-uniao-europeia/>.
- Batalha, E. S. 2017. O orientalismo, ou a afirmação do discurso hegemônico do ocidente. *Revista Argumentos* 14 (2): 177–198. Acedido em 2 de maio de 2023. <http://www.periodicos.unimontes.br/argumentos>.
- Cervi, L. et al. 2020. Exclusionary Populism and Islamophobia: A Comparative Analysis of Italy and Spain, 1–21. Acedido em 21 de maio de 2023. <https://www.mdpi.com/2077-1444/11/10/516>.
- De Oliveira, Julia G.; Gabriel S; Santana e Daniel R. Coronato. 2019. Os movimentos eurocéticos e os desafios para uma Europa unida. *Leopoldianum* 45 (125): 16–16.
- Golder, M. 2016. Far Right Parties in Europe. *Annual Review of Political Science*, 477–497. Acedido em 23 de maio de 2023. <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-polisci-042814-012441>.
- Grosfoguel, R. 2014. Las múltiples caras de la islamofobia. *Raíz Diversa*, 83–114. Acedido em 18 de maio de 2023. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Mexico/ppel-unam/20160614021642/Grosfoguel.pdf>.
- Huntington, Samuel Philips. 1996. *Choque Das Civilizações*, O. Editora Objetiva.
- Isasi, A. C. e Laia Tarragona. 2021. Case study: Far-Right Islamophobic Speech in Spain. Dangerous Speech Project. Acedido em 6 de maio de 2023. <https://dangerousspeech.org/publications>.
- Marchi, R. e G. Bruno. 2016. A extrema-direita europeia perante a crise dos refugiados, 39–56. Acedido em 8 de maio de 2023. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12982>.
- Medeiros, M. A. et al. 2021. Partidos políticos, integração regional e ideologia: Uma análise do apoio discursivo à Unasul no Congresso brasileiro. *Relações Internacionais (R: I)*, número 72, 77–97. Acedido em 18 de maio de 2023. https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/RI72/n72a05.pdf.
- Mendelski, B. 2018. Articulações liberais e iliberais da islamofobia na Alemanha e na França. *Revista Novos Rumos Sociológicos*, 381–415. Acedido em 23 de maio de 2023. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/14155>.
- Motta, B. V. 2018. Securitização. Em *Dicionário de Segurança e Defesa*, editado por H. L. Saint-Pierre e M. G., 1006–1014. São Paulo: UNESP. Acedido em 23 de março de 2023. [https://repositorio.comillas.edu/xmlui/bitstream/handle/11531/35338/SAINT-PIERRE%20&%20VITELLI%20\(2018\)%20Dicionario%20Seguranca%20Defesa.pdf?sequence=-1](https://repositorio.comillas.edu/xmlui/bitstream/handle/11531/35338/SAINT-PIERRE%20&%20VITELLI%20(2018)%20Dicionario%20Seguranca%20Defesa.pdf?sequence=-1).
- Mudde, C. 2000. *The Ideology of the Extreme Right*. Manchester University Press.
- . 2019. *The Far Right Today*. Polity Press.

- Muñoz, G. M. e R. Grosfoguel. 2012. La Islamofobia a debate: La genealogía del miedo al islam y la construcción de los discursos anti-islámicos, 35–60. Acedido em 20 de maio de 2023. <https://www.educatolerancia.com/pdf/La%20islamofobia%20a%20debate.pdf>.
- Pini, A. M. 2021. Desinformação e populismo radical de direita: o caso da eleição de Donald Trump em 2016, Universidade de Brasília. Acedido em 29 de maio de 2023. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/43448>.
- Rodríguez, M. B. 2021. Vox y el uso de la historia: el relato del pasado remoto de España como instrumento político. *Política y Sociedad (Madrid)* 58. Acedido em 6 de maio de 2023. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.5209/poso.69692>. <https://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/69692>.
- Rubia, A. G. et al. 2022. Partidos spin-off, partidos nicho y derecha radical: El caso de Vox en España. *Revista Internacional de Sociología*, acedido em 12 de maio de 2023. <https://revintsociologia.revistas.csic.es/index.php/revintsociologia/article/view/1118>.
- Sedgwick, M. 2004. *Against the Modern World: Traditionalism and the Secret Intellectual History of the Twentieth Century*. Oxford University Press.
- Stanley, J. 2018. *Como Funciona o Fascismo: A Política do Nós e Eles*. LPM editores.
- Vidgen, B. e T. Yasserli. 2020. Detecting weak and strong Islamophobic hate speech on social media. *Journal of Information Technology Politics*, acedido em 26 de maio de 2023. <https://researchrepository.ucd.ie/entities/publication/05bba37b-4e06-43b0-b58f-377b4e184182/details>.
- Walt, S. M. 2023. The Conversation About Ukraine Is Cracking Apart. *Foreign Policy*, acedido em 3 de abril de 2023. <https://foreignpolicy.com/2023/02/28/the-conversation-about-ukraine-is-cracking-apart/>.
- Yilmaz, F. 2012. Right-wing hegemony and immigration: How the populist far-right achieved hegemony through the immigration debate in Europe. *SAGE*, 368–381. Acedido em 13 de maio de 2023. <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/0011392111426192>.